

# Patrimônio Cultural de Pernambuco

## MANUEL BANDEIRA E O RECIFE

Mauro Mota

É engano dizer-se que Manuel Bandeira está morto. A morte veio matá-lo e ele matou a morte com a sua grande poesia e a sua prosa nada menor. Pois o cardápio da morte não varia: é só de carne e osso. Ela detecta, e com um respeito, não de morte, de vida, profundamente de vida, o, se existente, acervo de sobrevivência de cada criatura. É ela quem o mensura, quem o valida, sendo o caso, quem o transfere de uma geração a outra, à história.

A quem se fez eterno, se atribue mesquinha de calendário. Manuel Bandeira chegou a noventa só para efeitos notariais. Ele nunca teve idade prolecta: teve uma acumulação de juventude. De juventude nutrida com a seiva do Recife corrente, verde e pura, no seu canto, na sua escrita, na sua fala coloquial. Nenhum recifense e nenhum recifólogo mais fiel e perfeito no amor pelos valores corporais da cidade, pois o Recife, para ele, "não é uma cidade oferecida e só se entrega depois de longa intimidade(...) tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas".(1) Nem mais perfeito e fiel na receptividade aos mistérios dessa magritude, dessa morenidade, dessa timidez, ou a elementos urbanos imponderáveis, de cores e aromas, de vestígios e murmúrios.

Tal afirmação nada contém de reivindicação regionalista, de arbitrário, de medida póstuma. Decorre de um dos trechos mais núcleo de Itinerário de Pasárgada.

"Dos seis aos dez anos, nesses quatro anos de residência no Recife, com pequenos veraneios nos arredores - Monteiro, Sertãozinho de Caxangá, Boa Viagem, Usina do Cabo - construiu-se a minha mitologia e digo mitologia porque os seus

tipos, um Totônio, Rodrigues, uma Dona Aninha Viégas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa do meu avô Costa Ribeiro, têm para mim a mesma consistência heróica dos personagens dos poetas homéricos. A Rua da União, com os quatro quarteirões adjacentes limitados pelas ruas da Aurora, do Sol, da Saudade e Princesa Izabel, foi a minha Tróada; a casa do meu avô, a capital desse país fabuloso. Quando comparei esses quatro anos de minha meninice a quaisquer outros anos de minha vida de adulto, fico espantado do vazio desses últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante."(2)

Mais: quando viram pelo avesso uma frase do criador dessa mitologia, considerando-o nascido no Recife por acaso, a resistência vem imediata:

"Dizer-se que nasci no Recife por acidente quando sou filho de pais recifenses, neto de avós recifenses e por aí acima, é inverter as coisas: digam antes que por acidente deixei o Recife duas vezes, aos dois anos para voltar aos seis, e aos dez para só o rever de passagem. Mas esses quatro anos, entre os seis e os dez, formaram a medula do meu ser intelectual e moral, e disso só eu mesmo posso ser juiz. Me sinto tão autenticamente pernambucano quanto, por exemplo, Joaquim Cardoso, Mauro Mota e João Cabral de Melo. Se não fosse assim, não poderia jamais ter escrito a "Evocação do Recife".(3)

"O mais antigo sinal de interesse pela poesia em minha vida data dos nove anos no Recife. Lembro-me de, em casa do meu avô materno, o Dr. Antônio José da Costa Ribeiro, procurar o Jornal do Recife para ler a poesia que diariamente a folha publicava na primeira página. E me recordo até hoje de dois nomes que freqüentemente apa-

reciam assinando esses versos - Áurea Pires e Henrique Sorido."(4) Ambos com um momento de resurreição nessa reminiscência.

Sim, se a casa do avô era a capital, tomar-se-ia a "Evocação do Recife" como o hino nacional do "país fabuloso", mas um hino à bandeira, quero dizer, à Manuel Bandeira, quero dizer, tão anticonvencional que, embora claríssimo na estrutura, feito com a luz dialogante do verão recifense, somente possa, talvez, ser entendido em tudo quanto quer dizer por quem disponha de condições ambientes para essa acústica particularizadora. O que significam, por exemplo, para um estrangeiro, Veneza Americana, Mauritsstad, Mascates, chicote-queimado, coelho-sai, jangada de bananeira, fogo em Santo Antônio ou em São José, cavalhadas, banheiros de palha, sertãozinho de Caxangá e outras indicações da biografia e da nomenclatura urbana e suburbana do Recife? Bem menos do que significam. O que vale Totônio Rodrigues, simplesmente mencionado com a velhice, o pincenê e a mania de localizar incêndios em São José? O que vale a casa de Dona Aninha Viégas, com vidraças partidas e o desvão onde houve o episódio transformado em poema do mesmo sangue de "Evocação do Recife"?

Descoberta da rua!

Os vendedores a domicílio.

Ai mundo dos papagaios de papel, dos piões, da amarelinha!

Uma noite a menina me tirou da roda de coelho-sai, me levou, imperiosa e ofegante, para um desvão da casa de Dona Aninha Viégas, levantou a saínha e disse mete.

Para um pernambucano, mais para o vivo nos bairros fluviais do Capibaribe, esses componentes são de um mundo tríplice geo-

histórico-social e de um mundo poético, que os unifica e engrandece. Evocação é um poema abrangente. Com ele, o Recife nele desejado "sem história nem literatura", junta-se para sempre à literatura nesta distância de sua composição e de sua atualidade. O poema é abrangente de todas as províncias do "país fabuloso". Da Rua da União, se se quisesse julgá-la somente rua, a principal do "mundo mítico", onde, escreve Bandeira, "Está o coração de minha infância. O centro de quatro quarteirões, onde vivi dos seis aos dez anos e de onde saí, como repetiu, na mensagem de agradecimento pela inauguração do seu busto, "maduro para o sofrimento e para a poesia".(5) A idéia desse busto viera de 1945, da Faculdade de Direito do Recife, em duplo reconhecimento ao recifense Manuel Bandeira: à sua poesia e à sua solidariedade aos estudantes e ao povo, na causa que então defendiam.

Quem, por sua conta e risco, mandou fazer o busto por Celso Antônio, e o entregou para a inauguração? Um estudante daquele ano: Odilon Ribeiro Coutinho. Quem defendeu essa inauguração em sucessivos artigos de jornal? Gilberto Freyre, Sílvia Rabelo - Sílvia ainda no seu Caminhos da Província(6) - Aníbal Fernandes, Olívio Montenegro, Luiz Delgado, Nilo Pereira, Laurênio Lima, Edson Regis, Edmir Domingues, Paulo Fernando Craveiro, Mauro Mota, Nilo, quando deputado, também com o seu projeto de lei feito lei e engavetado um tempo.

Houve também a resistência na imprensa, do jornalista Mário Melo apegado a dois gostos antigos: a polémica e o dos versos parnasianos( sempre manifestou-se contrário a qualquer manifestação de arte moderna) gostos disfarçados numa sutil hermenêutica aplicada à Constituição, de dar-se (e já se deu) nomes de pessoas

Ae 374022  
Ex. 1  
8950304

vivas às ruas. A ilação impeditiva quanto ao busto era tolice. Ninguém pode impedir o que a lei não impede.

Mesmo assim, a controvérsia arrastou-se durante doze anos, a pretexto disso ou daquilo. Diziam que Bandeira compusera, na década de '40, uma canção cuja "letra seria de um destemperado entreguismo, toda ela oferecimentos e zumbaia de arrepiar os nossos nacionalistas mais distraídos". No livro citado, Sívio Rabelo conta esse episódio e mostra como o deturparam: "Certa ocasião, Vila-Lobos tomara-se de horror pela conhecida toada "happy birthday to you", que estrangeiros e brasileiros costumam cantar em aniversário de pessoas amigas ou de parentes. Esse horror de Vila-Lobos levou-o a compor não só nova canção para substituir aquela, mas várias outras de parabéns, de boas-vindas e circunstâncias diferentes, às quais chamou de canções de cordialidade. Para essas canções de sabor brasileiro e a pedido do compositor, Bandeira escreveu as letras, esmerando-se em fazê-las bem íntimas, com expressões tiradas da linguagem familiar, tais como a casa é sua, não faça cerimônia, vá pedindo e vá mandando."

Na chegada de certa missão estrangeira, cantaram o vá pedindo, vá mandando, sendo o poeta a primeira pessoa a scandalizar-se com o fato.

E bom contar direito essas coisas para que a história delas não se faça de futricas. Nenhuma entidade cultural — e é pena que não tivesse aparecido nenhuma ao menos para fortalecer o movimento — teria atribuições para instalar Bandeira em praça pública. Só as oficiais afirmadas no Governo Paulo Guerra.

Na confluência da Rua da União, a da infância na casa do avô, com a Riachelo, Bandeira está vendo a gente passar. Ele, sim, não deixa de passar na Rua da União da casa do avô com o quintal, o galinheiro, o banheiro e o cambrone — o engenheiro francês Charles Louis Cambronne, contratado, em 1858, para fazer o serviço de esgotos no Recife deixou o nome em Pernambuco, até hoje, como sinônimo de latrina — o cambrone, onde o menino confessadamente gostava de ficar pelo gosto coincidente com o de Rimbaud no poema alusivo à "fraicheur des latrines"; (7) o quintal e "o paredão alto" da casa vizinha de umas "tias de José Lins do Rego", beatas pinturescas que não acabaram

virgens nem foram embora de véu e capela. Pelas portas travessas ou por outras portas, deixaram as mantilhas e a descendência. Muitas filhas e netas. Quem sabe se o romancista não as transfigurou em Dona Chiquinha do Monte e em Dona Margarida, chaleiras do Padre Amâncio, duas baratas de igreja na Matriz de Assu em Pedra Bonita?

E as demais "províncias limítrofes?" A Rua da Aurora à beira do rio. Domingo de regata. A ponte, a meia rua: de um lado, as casas; do outro, o cais. Sumiram os antigos transeuntes. Onde encontrar os pares debruçados sobre as águas e o tempo? O tempo e as águas. Rua da Aurora, a Igreja dos Ingleses, o Ginásio, as canoas no rio, sempre o rio, levando a gente toda das varandas, sobrados e estudantes submersos.

Levando a gente toda, mas — ó águas intuitivas e selecionadoras do Capibaribe! — mantendo, boiante e viva, capturada para o eterno, a imagem do menino que ia, nelas, "pescar escondido" (8). Nelas e nas águas do Monteiro, como se vê em trecho da carta de 1955, a este seu primo: (9) ... "Que Saudades ele (um livrinho que eu tinha publicado sobre O Cajueiro Nordestino) me deu do Monteiro, onde, nos meus oito anos, fui caçador de caranguejo na lama do Capibaribe, usando como isca um caju chupado", como informa em outra carta (10) (Explico, aqui mesmo no texto, que Monteiro é um dos mais belos arrabaldes do Recife, onde se ia antigamente "passar a festa", famoso pelo seu roleante braço de rio e pelas novenas gabadas na musa popular:

*Uns procuram com dinheiro  
A festa que lhes convém,  
Mas, é certo, quem o tem  
Só passa bem no Monteiro.*

*Papai, me compra um vestido  
(Não custa muito dinheiro)  
Dos que Naninha tem ido  
A novena do Monteiro.)*

E o "sertãozinho de Caxangá" do "primeiro alumbramento", quando o menino viu "uma moça nuíinha no banho"? onde o avô mantinha casa nos meses de verão (...) "para delícia dos banhos de rio no Capibaribe (...) onde acabava a estrada e começava o mato, com os seus sabiás, as suas cobras e os seus tatus." (11)

No tempo desse neto, Caxangá, a doze kms. do Recife, parecia um cafundó-de-judas por causa da insuficiência dos transportes reduzidos ao cavalo e à maxambomba, inaugurada em 1867 e

que foi o primeiro trem urbano de toda a América Latina. Por isso, pela distância, assumia ares de colônia em vias de emancipar-se. Tinha população relativamente densa, a fixa e a flutuante; tinha teatro e hotéis, anunciando "trato ameno, bilhar, gamão, palestra, dominó e banho de rio". Até então e mesmo depois, em Pernambuco, o banho fora — em casa funcionava o de assento em bacias de flandres, se de louça, chamadas pelas ricas dos sobrados de semicúpios, e o de cuia nos banheiros para os homens — o banho fora de casa só no rio. Os "banhos salgados" achavam-se na fase exclusivista de terapêutica e as praias do Recife reduzidas a uma espécie de Clínica Pinel aquática, cheias de gente "nervosa" de fracos dos ossos e da bola, de moças vestidas de beata à prova de olho, de água, de sal e sol, moças em crises alucinatórias na areia matinal, moças histéricas, na moda do ataque histérico, com os gritos finos inaugurais da poluição sonora.

Isso — e isso surpreende — em contraste com o que acontecia em fins do século XVIII, quando a praia do Apolo fez-se precursora do nudismo no Nordeste como ficou registrado no verso popular:

*Não clamo porque se lava  
Toda a qualquer manganão.  
Mas é que essa brava gente  
Banha-se em traje de Adão.*

O caminho para o "sertãozinho" começa na "Evocação do Recife". Perto da Rua da Aurora, em cuja ponte passava o trem: Rua da Aurora do palácio da Assembléia Legislativa, das casas do Conde da Boa Vista, do Barão de Beberibe, do Barão de Moreno, Rua lavada e limpa, onde ninguém jogava ponta de cigarro ou cuspiu no chão, onde ninguém jogava casca de pitomba ou de "midubim", cujo pregão continua como se fosse um eco do de antigamente, tanto que o epigramista e desembargador Esmaragdo de Freitas revoltou-se contra um grande da política pernambucana:

*João Elísio, vá embora!  
Que faz você por aqui  
Suando a Rua da Aurora  
De casca de mendubi?*

Continuam o pregão de "midubim" e os rumores de outras coisas: brinquedos, rodas, pessoas, costumes, comidas, rumores de bonde de burro, que repercutiam em "Profundamente" (Apenas de vez em quando/O ruído de um bonde/

Cortava o silêncio como um tunel) rumores de bonde de burro e de burro de bonde, se lembrar-se a Academia do Brum (12) citada em crônicas de José Lins do Rego, rumores de toda uma cultura pernambucana refletida em "Evocação do Recife" e nos seus poemas gêmeos.

De repente, nos longes da noite, um sino, uma pessoa grande dizia:

*—Fogo em Santo Antônio!  
Outra contrariava: São José!  
Totônio Rodrigues achava sempre  
que era São José.*

Isso — eis a desconfiança esclarecida em conversa recente com o neto dele, o Engenheiro Paulo Rodrigues Fragozo —, mais do que por uma simples confusão de Totônio Rodrigues. Então, as horas mestras da cidade caíam das torres das igrejas e entravam pelas casas sem "pedir licença": chamadas para as missas, meio-dia, seis horas, oito horas da noite, hora de tirar as cadeiras das calçadas e botar os meninos na cama; então, os sinos anunciavam as mortes: dobres pelos defuntos e repiques pelas crianças, que, até doze anos — ó exagero do Bispo! — eram consideradas anjos; então, decreto do Presidente da Província determinava: "Logo que se manifestar o incêndio em qualquer parte desta cidade, a igreja que mais próxima lhe ficar dará imediatamente sinal. E, especificando as freguesias: "O sinal constará de seis badaladas se o incêndio for em Santo Antônio e de sete se for em São José..." (13)

Mais do que uma simples confusão — a diferença era só de uma badalada — por outro motivo: Totônio Rodrigues (calças brancas, paletó preto de alpaca, boné, guarda-chuva e pincenê passado pelo oculista da época no Recife, Dr. Barreto Sampaio) Totônio Rodrigues era sócio de uma loja em Santo Antônio na Rua do Queimado, nome originário de um fogaréu antigo no quarteirão e que aumentava a superstição desse supersticioso que nem saía de casa a 24 de agosto, porque, repetia, "o diabo anda solto", conta o neto.

A sinfonia aérea teria em Bandeira ressonâncias longe, em 1952, no poema "Natal sem Sinos":

*.....  
Ah meninos sinos  
De quando eu menino!  
Sinos da Boa Vista e de Santo  
Antônio. Sinos do Poço, do  
Monteiro e da igreja de Boa  
Viagem.*

## Outros sinos

### Sinos

#### Quantos sinos!

#### No noturno pátio

#### Sem silêncio, ó sinos

#### De quando eu menino...

.....

A Boa Vista (da Rua da União) Santo Antônio e São José, desdobram-se em toda uma toponímia da Geografia urbano-recifense contemporânea de Bandeira, dos seus itinerários de criança: Beco do Sirigado, Beco do Caju, Beco do Passa Perna, Beco do Padre Inglês, Beco do Peixe Frito, Beco da Luxúria, Beco das Cortesias (tantos becos, quem sabe lá se, transferidos para outra paisagem, inspiradores daquela visão unilateral de Bandeira: O que eu vejo é beco.?), ruas do Alecrim, Rua das Águas Verdes, Rua Augusta, Rua da Baixa-Verde, Rua Bela, Rua do Cabugá, da Cacimba, das Calçadas, Rua do Chora Menino, Rua do Corpo Santo, Rua das Crioulas, Rua das Pernambucanas, Rua da Cruz das Almas, Rua do Encanta-Moça, Rua das Florentinas, Rua das Flores, Rua Formosa, Rua do Jardim, Rua dos Jasmim, Rua do Manguinho, Rua do Mondego, Rua das Ninfas, Rua da Princesa, Rua de Santa Cecília, Rua da Santa Cruz, Rua dos Sete Pecados, porque lá moravam sete "mulheres perdidas". (Esqueceram-se de que as mulheres quanto mais perdidas mais achadas.)

Dai os versos bandeirianos: "Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância", por certo a lindeza onomástica e as dela procedentes, sugestões transeuntes e circundantes: "mexericos, namoros, risadas", a valsa do piano da tia, bater nas portas da vizinhança e correr, escrever a carvão safadezas no muro, chamar o homem do miúdo e se esconder atrás das rótulas da janela, empinar papagaio, sacudir pedra no cavalo do carroeiro, aticar os cachorros pelas grades dos jardins, falar com as mãos, em mímica obscena para as filhas-de-Maria do sobrado defronte. Ou, quando, em rua ou praça de subúrbio, de noite, as sugestões dos espetáculos populares, a começar do pastoril, mencionado na elegia a José Cláudio. (14) O pastoril "sem história nem literatura", vivo, uma fascinação de Bandeira menino e homem (quando esteve no Recife, na década de 20, não se esqueceu de revê-lo) o pastoril com o elenco de informes sobre a cultura popular nordestina, com a democracia de classe e racial na confraternização

dos tablados: pastoras "sérias" e raparigas misturadas nos cordões encarnado e azul: as de Afogados, do Poço da Panela, da Várzea, de Caxangá, da Madalena, dos Coelhos, da Campina do Bode: Ernestina Dente de Ouro, Maria Boca de Jasmim, Judite Mão de Veludo, Virgínia Pé de Ouro, Lulu Canarinha. O pastoril com os velhos, fazendo a "interação comunicativa entre o povo e o espetáculo", criando expressões hoje integradas no vocabulário pernambucano: Pega o pirão, esmorecido! Espicha, couro velho! Me leva, Cor de Rosa! Ail que ele é do matol! (15)

E as desculpas da mestra diante das irreverências:

*Ó meus senhores, tenham compaixão*

*De argumas fartas que se dão aqui*  
*Pruquê eu não tenho a isbilitação*  
*Prá sé a mestra deste pastoril.*

Mais doloroso o canto do fim:

*Adeus, minha gente*

*Já vamos partir.*

*O dia amanhece*

*Queremos dormir.*

Dormir em "Profundamente", quando

*Estavam todos dormindo*

*Estavam todos deitados*

*Dormindo*

*Profundamente.*

Nesse poema, que um antólogo - o antólogo, mesmo sem escrever uma palavra, tem de ser um crítico refinado - não hesitaria em botar na mínima antologia máxima de Manuel Bandeira, a "noite de São João" deixa de ser uma simples noite na folhinha de parede, apenas marcada pelas "luzes de bengala", pelas "fogueiras acesas", pelos balões". Nele Tomásia, "a velha preta cozinheira da casa da Rua da União" (...) naquela cozinha com o seu vasto fogão de tijolo, o seu enorme pilão (...) com as grandes tachas de cobre areadas até o vermelho" (16 - estas indicações constam de Itinerário de Passárgada - Tomásia, com o seu tacho (realmente o tacho de cobre, quando bem areado, parece ficar com o fundo em brasa viva antes de trepado no fogareiro) é o símbolo de uma geração de cozinheiras em atividade nas antigas estruturas e funcionamento das cozinhas em Pernambuco, cozinhas com o tecto de telha vã, cheios de cascas secas de laranja, sacudidas entre as ripas, para dar sorte, os fogões de várias bocas, queimando carvão vegetal prontas a receber as panelas, os fornos de tijolo em abóbada, o toucinho fresco, que a

dietética iria considerar veneno para o sistema arterial, as tijelas, as panelas, os alguidares, as jaras, os potes, o "enorme pilão", lembrado por Bandeira, de pisar milho e café, e os pequenos, de pisar tempero, parecendo brinquedo de menina, as colheres de pau, os abanadores, as urupemas, as chaleiras, os caldeirões, os papeiros, o espeto, o pegador de brasa, as grelhas, as frigideiras, o rapa-coco, o ralo, a bacia, o candeeiro, o coco de beber água e o dentado, de tirá-la para botar nas comidas: cavala-perna-de-moça, pitu e bicuda no molho de coco, feijoadas, lingüiça, galinha de cabidela, peru, capão gordo, sarapatel, mão de vaca, pé-de-moleque. Ainda as comidas cíclicas: as curimãs da Semana Santa, os filhós pelo carnaval, as romãs, dia de Reis. Durante o São João, o São João de "Profundamente", a cozinheira e as mulatinhas ajudantes não paravam no preparo do bolo de milho (o milho é uma cultura religiosa do Nordeste) da pamonha, da canjica, em cujas travessas apareciam nomes ou monogramas de noivas e compadres convidados para a ceia e assim homenageados num verdadeiro paleógrafo de canela.

Em artigo de 9 de dezembro de 1928, publicado em A Província, "As impressões de um cristão novo de regionalismo", Bandeira disse ignorar tudo do Nordeste, "menos a cozinha". Menos "o paladar de todos aqueles pratos de que ficou privado a partir dos nove anos."

Embora o assunto seja mais da sociologia de linguagem, sabe-se que, em cozinhas como a de Tomásia, nasceu ou fortaleceu-se uma série de adágios sobre alimentação.

Coisa fácil é canja, sopa, sopa no mel, prato feito, café pequeno; coisa paulificante ou complicada, abacaxi; coisa supe-rada, peixe podre; dinheiro é milho; bajulador, corta-jaca; ostentação, farofa; pessoa indecisa ou mole, banana, pamonha ou mingau; encrenca é bolo; lisonja é papa; gabolice, goma; pessoas da mesma laia moral são "farinha do mesmo saco".

Os que se acham em dificuldade, "comem da banda podre" ou "comem o pão que o diabo amassou". À mulher ardente chamam de pimenta; à bonita, de pitêu. Ou, mais recentemente, de pão, também aplicável ao homem.

Das coisas dissimuladas, diz-se "debaixo do pirão, tem carne"; de duas, perdidas pelo egoísmo de conquistá-las ao mesmo tempo, "nem mel nem cabaço"; da ingra-

tidão, "barriga cheia, pé na aldeia"; da imprevidência, "da mão à boca, perde-se a sopa"; dos interesseiros, "enquanto há figos, há amigos"; da submissão financeira, "quem come do meu pão, leva do meu cinturão"; das vantagens: "está com a faca e o queijo"; das interferências, "panela em que muitos mexem destempera"; do trabalho e da astúcia, "cobra que não anda não engole sapo"; "de grão em grão, a galinha enche o papo"; "quem não chora, não mama"; de "quem nunca come mel, quando come se lambuza"; da ingenuidade, "com bananas e bolos se enganam os tolos"; da fome, "meio dia, panela no fogo, barriga vazia"; da experiência, "côco velho é que dá azeite". Quando queremos dar o fora em alguém, dizemos: "Vá plantar batatas".

O sal tem várias aplicações para significar espírito, graça, "boutade". Oliveira Lima dizia que os estudantes eram o sal de Pernambuco. Para dar-se uma imagem frutiforme ao homem silencioso, recorre-se ao mais introspectivo dos frutos: "Calado como um coco". (17)

Em outros poemas de Bandeira a presença do Recife prossegue. No onomatópico "Trem de Ferro" com reminiscências das cantigas de eito:

.....  
*Óô*  
*Quando me prendero*  
*No canaviá*  
*Cada pé de cana*  
*Era um oficiá.*  
*Menina bonita*  
*Do vestido verde*  
*Me dá tua boca*

.....  
*Vou depressa*  
*Vou correndo.*  
.....

Nas Sextilhas Românticas:

.....  
*Ai tantas lembranças boas!*  
*Massangana de Nabuco!*  
*Muribara de meus pais!*  
.....

Em Belo Belo:

.....  
*Só, num navio de vela*  
*Quero rever Pernambuco.*  
.....

No diálogo com a Cotovia:

.....  
*-E esqueceste Pernambuco,*  
*Distraída?*

*-Voei ao Recife, no Cais Pousei*  
*na Rua da Aurora.*  
.....

No poema Casa Grande e Senzala:

.....  
Com fuchicos danados  
E chamegos safados  
De molecas fulôs  
Com sinhês.  
.....

"Foi nas páginas de A Província (18) que peguei este jeito provinciano", escreve Bandeira. (19) Em "A Província", artigo de 30 de dezembro de 1928, depois matéria de Crônicas da Província do Brasil, apresentou a teoria, já aqui mencionada, sobre a magnitude do Recife: "São Pedro dos Clérigos é a igreja mais magra do Brasil".

O próprio jomal inseriu manchete na primeira página da 2ª seção: "Urbanistas, cuidado! O Sr. Manuel Bandeira diz que o Recife é uma cidade magra enquanto a Bahia e o Rio são cidades gordas e que as nossas igrejas são magras enquanto as de lá são gordas."

Com essa teoria volta à frustrada vocação de arquiteto, pois trata, em A Província, de "As novas concepções do urbanismo" (1 de janeiro de 1930) aplicadas ao Recife, de jardins públicos (6 de outubro de 1929), de salvar-se a arquitetura da Madre de Deus. (1 de dezembro de 1928).

Trata desses assuntos e de outros em A Província, e nos seus livros de crônicas — e com que argúcia e finura! — com vigilância sobre acontecimentos literários e artísticos, sobre as comédias humanas que os marcaram. O mestre, sempre de olho aberto

para os personagens, e, ora com a sua ironia, ora com a sua poesia, sem deixar nenhum deles ir embora em branca nuvem.

Onde o circunstancial dessas crônicas? Talvez seja esta a pergunta mais séria diante delas. Foram escritas, quando em jornal, sabe-se, para um dia. Mas esse dia agora nunca mais vai acabar.

Dá uma nova caracterização para a crônica: ela não é ela mesma, na classificação tradicional da literatura. É quem a escreve. Alcança, por isso, certas variantes de gênero, insubmissa às dimensões físicas.

Chama-se em geral de crônica à meia coluna de prosa assinada. Mas essa meia coluna, referindo-se a um romance ou a uma coletânea de poemas, a uma exposição de pintura, por exemplo, pode conter o que se diria sem o acréscimo só de palavras.

No caso de Manuel Bandeira, leia-se que ele escreveu em algumas seções de Andorinha, Andorinha: Leitura Pede Simpatia (às vezes, não dá nenhuma). Negócios de Poesia, Arte para os olhos. O que escreveu poderia ser desdobrado em artigos e artigos. Mas sem acrescentar coisa nenhuma às idéias e às opiniões, lá existentes.

Pra que então o trabalho braçal, essa estiva literária, hoje muito adotada, depois que se inventou a história de pagar as colaborações em função das páginas datilografadas?

Leiam-se ainda as crônicas de Andorinha, Andorinha e aquelas que apreendem, com espírito

pra valer, episódios inesquecíveis, que passamos a repetir aos amigos: os alexandrinos de Dom Aquino Correia; Gilberto Amado, ao olhar nomes em placas de subúrbios cariocas, querendo logo escolher a sua rua; as mentiras de Antônio Botto: fora procurado em sua casa de Lisboa, por Mário de Andrade. Quando lhe disseram no Rio: "Mário nunca saiu do Brasil", não se alterou: "Ah, não? Então devia ser o Gide ou o Proust".

Essas derivações temáticas não tiram Manuel Bandeira do Recife. Do Recife, ele jamais saiu no espírito e na obra: na obra publicada e em cartas inéditas.

Nesta "absolutamente inédita", dirigida, a 4 de junho de 1926, a Gilberto Freyre sobre o poema "Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados": "Teu poema, Gilberto, será a minha eterna dor de como. Não posso me conformar com aquela galinagem tão goçada, tão semvergonhamente lírica, trescalando a baunilha de mulata aseada. Saca-nal!"

Em trechos de outras cartas: "Pouco se me dá das acusações que me fazem, uma vez que a minha consciência esteja tranqüila, como sempre está no que se refere ao Recife";

"Sempre acabo dando os meus calungas de barro. (Os de Vitalino). Não há coisa que se dê com mais prazer. Mesmo porque, quando não se dá, eles se quebram (...) não quero mais saber das coisas efêmeras";

"Não dê confiança a esse tal do Recife que diz que arte é feita de trabalho e prática e a gente diz vou fazer um poema e faz."

"Pode fazer, mas se a parte de Deus faltar — isto é, se a inspiração falhar, o poema pifa."

Cartas onde se interessa pelo recebimento de uma peixeira pernambucana (obviamente para fins recordativos e ornamentais) e pelos folhetos dos cantadores populares. (20)

De volta ao Recife, em 1928, Bandeira volta direto à Rua da União, conferindo tudo. E anota, feliz: "Exatamente como a deixei. Não tem uma casa nova." E até faz ressurgir figuras que poderiam pertencer ao clã de "Evocação" e "Profundamente": Seu Alcoforado e Bentinho: "Bentinho vai já aparecer no postigo com a pasta e cabelo bem empomadado, camisa de peito engomado e sem colarinho. (Parecia que a falta de colarinho era um detalhe da elegância de Bentinho)". (21)

Dá a evidência: a gente pode nascer e viver numa terra a vida toda e ser um estrangeiro nela. O importante é que a terra viva na gente, esteja a gente onde estiver, como o Recife sempre viveu em Manuel Bandeira. Nele, houve uma inversão domiciliar: menino, deixou de morar na casa do avô, da Rua da União. Mas a casa do avô, da Rua da União, jamais deixou de morar nele. Tudo lá não somente "parecia": era mesmo "impregnado de eternidade."

#### NOTAS

01. BANDEIRA, Manuel. Crônicas da Província do Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937, p. 115.

02. Itinerário do Passagista. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editores do autor, 1966, p. 13.

03. Andorinha, andorinha. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966, p. 26.

04. Andorinha, andorinha, op. cit., p. 41. Els dois dos sonetos publicados no Jornal do Recife da década de 90 e que causaram, em Bandeira, menino, "o mais antigo sinal de interesse pela poesia": De Aurora Fria, Magua Infinita: "Quando eu parti, minha alma aberta em chaga/Partiu também, seguindo a minha sina./ Corde florestas, solidões fragas/Buscando alívio à dor que me domina. // E depois de rever longínquas plagas/Onde brinquei quando era pequenino/Olhando o mar, que as transparentes vagas/Entomavam na verde alabastina; // Depois de ver cidades populosas/Fúlicas, catedrais maravilhosas/Jardins floridos como eu nunca vi. // Voltel, sentindo o mesmo horror ao mundo, / Trazeno n'alma o mesmo mal profundo, /A mesma angustia que levei d'aqui!" De Henrique Sôdo, A manduca: "Ela que surge, provocante, o alívio/Com firme peso do real princesa/orstenta

o riso na falsa beleza/deixa ao passar a multido cativa. // Era uma criança a branca, sensível/singela, pura, e de puros surpresas/Quando a brincar, com tímida aversa, mostrava a perna, sempre a modo, escura./Hoje é diversa, é a lúbrica mundana/em ter amantes e coquele se ufana/ como se os gozos já lhe não bastassem./E ela que passa traz assim formosa/no útero, orvalho que aviventa a rosa, /n'alma os espinhos que da rosa nascem."

05. Mensagem de agradecimento pela inauguração da escultura de sua cabeça na confluência da rua da União com a Rua Conde da Boa Vista. In: Manuel Bandeira: noventa anos. Jornal de Letras, Rio de Janeiro, abr. 1976.

06. RABELLO, Sívrio. Caminhos da Província. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, 1965, p. 208 e seguintes.

07. BANDEIRA, Manuel. Andorinha, andorinha, op. cit., p. 5-6.

08. Evocação do Recife. In: Livro do Nordeste comemorativo do primeiro centenário do Dicionário de Pernambuco: 1825-1925. Recife, Oficinas do Diário de Pernambuco, 1925, p. 121-123. A propósito desse Livro do Nordeste, Manuel Bandeira escreveu a Gilberto Freyre,

a carta incluída na seguinte notícia publicada no Diário de Pernambuco de 22 de dezembro de 1925, p. 3: "O Livro do Nordeste. Ao sr. Gilberto Freyre, um dos organizadores do 'Livro do Nordeste' escreve do Rio o poeta pernambucano Manoel Bandeira, sobre aquela publicação do 'Diário de Pernambuco': 'Passei toda a tarde com o nariz metido no Livro do Diário. Feito menino que ganhou um livro muito bonito. Que prazer tive de olhar os desenhos de Bandeira! Quem é esse estupendo xará? E Manuel também? Ele está juntando um tesouro! Gilberto, como vocês me trataram carinhosamente como ficou bonita a colocação dos meus versos. Mário de Andrade achou muito bom o estudo do Cardoso'."

09. Primo porque a minha bisavó paterna, Ângela Felícia Lins de Albuquerque, casada com Francisco Antônio Cabral de Melo, também bisavô de João Cabral de Melo Neto, era irmã da avó de Manuel Bandeira, Maria Cândida Lins de Albuquerque, casada com Antônio Hercúlio de Souza Bandeira. É a esse parentesco que Manuel Bandeira se refere nesta carta em 1966: "Meu caro primo Mauro Mota. Acuso recebimento de sua carta de 12 de setembro. Coincidência curiosa: ao mesmo tempo em que ela me chegava as mãos

o Aderbal Cabral de Melo (o Britinho, como é mais conhecido) me mandava uma papete explicando o meu parentesco de primo com o João Cabral e com você. Interessou-me grandemente a carta que lhe escreveu sua tia Maria do Carmo Mota Albuquerque. Eu, você e João Cabral somos primos. Só que vocês dois em grau menos afastado do que eu sou de vocês, porque vocês descendem de Ângela Felícia Lins de Albuquerque (que se casou com Francisco Antônio Cabral de Melo) e eu de Maria Cândida Lins de Albuquerque (Carmelo da Cunha, irmã de Ângela Felícia). Sim, meu caro Mauro, somos primos, e dominamos a poesia pernambucana, contemporânea, dançem-se os desafetos! Grande abraço, com os melhores votos de feliz Natal e Ano Novo. Muito seu, Manuel Bandeira. Endereço atual: R. Aros Saldanha, 72, ap. 302, Copacabana, Rio de Janeiro."

10. Eis o texto da outra carta: "Meu caro Mauro Mota. Delicioso este seu livro. O Cajuinho Nordesteiro. Que saudades ele me deu do Monteiro, onde nos meus oito anos fui caçador de de caramujo na lama do Capibaribe usando como isca um caju chupado, preso na ponta de um barbatel! À página 126 dei com o 'Bolimolacho' você fala do Theo Brundão o

ter ouvido cantar em 1917, em Macaé. Eu ouvi muito antes no Rio, aí por volta de 1900. Muito obrigado, poeta. Aceito um abraço deste seu amigo e admirador Manuel Bandeira. Beira Mar 406, ap. 806."

11. BANDEIRA, Manuel. Andorinha, andorinha, op. cit., p. 7-8.

12. A "Academia do Brum" era uma grande coxilha de burros que puxavam os bondes no Recife. Jomais humorísticos começaram a chamar de "doutor da Academia do Brum" alguns bacharéis incompetentes na carreira. Em crônicas de José Lins do Rego, há referências a esses "juristas".

13. Regulamentação do toque dos sinos no Recife. In: FERREIRA, Nilo. Sinos que anunciavam incêndios. Boletim da Cidade do Recife, 173/179: 13-15, out. 1968/jun. 1970.

14. BANDEIRA, Manuel. Poesia e prosa; v. 1, poesia. Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 1958. Com exceção de Evocação do Recife, os demais poemas de Manuel Bandeira aqui citados foram tirados desse livro.

15. Estes informes constam, inclusive, de um ensaio inédito do antropólogo pernambucano Waldemar Valente.

16. BANDEIRA, Manuel. Itinerário do Passagista, op. cit., p. 96-97. Houve um engano de

Bandeira ao falar em "grandes tachos". Na cozinha utilizava-se o tacho. Tacha já é o tacho grande dos engenhos de açúcar.

17. MOTA, Mauro. Votos e ex-votos: aspectos da vida social do Nordeste. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, 1968, p. 14.

18. Jornal recifense fundado por José Mariano em 1872. Nele colaboraram Tobias Barreto, Sívrio Romero, José Maria, Phaezente da Câmara, Gonçalves Maia, Carmelo Vilela, Artur Orlando, Osório Borba, Sívrio Ribeiro, etc. De 1928 a 1930, foi dirigido por Gilberto Freyre e José Maria Belo, efetivamente por Gilberto Freyre, e secretariado por Olívio Montenegro. Nessa fase, Manuel Bandeira publicou os artigos aqui referidos.

19. BANDEIRA, Manuel. Andorinha, andorinha, op. cit., p. 4.

20. Cartas à poetisa pernambucana Miriam Asfora, querida amiga de Manuel Bandeira, datadas de 2 de agosto e 7 de novembro de 1965 e de 23 de setembro de 1966. As fotocópias acabam de ser entregues à Academia Brasileira de Letras.

21. In: A Província, Recife, 30 dez. 1928, p. 1, 2ª seção.

22. In: Um tempo do Recife. Edição do Arquivo Público Estadual, Recife, 1978.